

COMUNICADO DE IMPRENSA // GALERIA CAROLINE PAGÈS



Francisco Queirós, *Some puberties of decadence*, 2014
Papel de seda, jornal, fita-cola e cola sobre papel, 150 x 115 cm

Francisco Queirós

C quebrado / broken C

Inaugura Sexta-feira, 11 de Abril às 22 h

11 de Abril – 31 de Maio, 2014

Galeria Caroline Pagès

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa, Portugal

T [+351] 21 387 33 76

M [+351] 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Horário: Aberto das 15h às 20h, excepto Domingos, e por marcação

Retrocedendo no tempo até ao final da década de noventa, ainda num século que viríamos a trocar por outro, encontramos Francisco Queirós, jovem artista, interessado nas possibilidades expressivas do vídeo, e da animação, para sermos mais precisos, como forma de explorar e subverter os códigos, regras e processos que definem o imaginário infantil. Em vídeos como *Slush puppies* (1998), *friezenwall #1 - the forest* (2000) ou *friezenwall #3 - 100 acre hood swimmin' hole playset* (2000) noções de crueldade, de violência latente tornada explicitamente manifesta, ou de recusa da inocência como característica fundadora da condição infantil, são apresentadas ao espetador num jogo de aliterações visuais, repetições e loops.

Já nos anos 2000, essa primeira década de um novo século cheio de promessas, o vídeo, enquanto *medium* privilegiado por Francisco Queirós, dá lugar à instalação, movimento esse que será característico de toda a produção posterior do artista. À medida que a sua prática é expandida pela introdução de novos campos disciplinares, *media* usados anteriormente, neste caso o vídeo, ainda que não desapareçam completamente do seu horizonte de interesses, passam a conviver com, e ser influenciados pelo recurso a uma nova ferramenta, e consequente alteração mental que tal acarreta consigo. A instalação vem assim introduzir uma componente espacial na prática de Queirós, mas vem sobretudo desenvolver uma componente narrativa, que com o passar dos anos se tornará central. Peças como *100 headless monkeys* (2002) ou *The dilemma* (2003) combinam assim o interesse por ideias de violência latente, ironia ou perda de inocência, já presentes em trabalhos anteriores, com uma tensão narrativa que surge agora pela primeira vez. Este movimento em direção a uma narratividade acrescida torna-se também manifesta na importância que tanto o texto como os títulos das peças adquirem, tornando-se não apenas o fio condutor, mas também, e talvez sobretudo, o elemento que sustem cada peça.

A introdução do texto na prática instalativa de Francisco Queirós, e a sua força narrativa, aparenta ser o que estará na génese de mais uma inflexão disciplinar. Em 2006 Queirós apresenta os seus primeiros trabalhos sobre papel e, apesar de existirem já alguns exercícios anteriores de utilização do desenho, é com as séries *Set 1* e *Set 2* (2006) que incluem peças como *Future holds a carrot*, *Forkboy*, *Wrapped milk tit* ou *The night they all came in pairs to breed* que o desenho ganha contornos que permitem olhar para ele como um dos veículos principais que Queirós encontrará para a criação de um extenso corpo de narrativas de grande complexidade visual e textual. Caracterizados por uma paleta restrita onde dominam o vermelho, o preto, o amarelo e o azul, elementos orgânicos ou monstruosos como células, embriões, polvos, insetos, vírus, etc., surgem como personagens ou narram acontecimentos carregados de ironia, absurdo, violência e humor.

Paralelamente aos desenhos, e podendo ser entendidas como variantes tridimensionais da mesma pulsão narrativa, as esculturas, ou "objetos", como Queirós lhes chama, desenvolvem-se de forma distinta, menos complexa, mas convocando uma narrativa mais ancorada a uma presença física singular, onde o título, a única marcação textual, narra de forma não metafórica, e em poucas palavras, a situação mais ou menos desconcertante que se apresenta perante o espetador. *4 yogurts a falar da vida* (2008), *Nasceu-me um pintelho atrás da orelha* (2009) ou *Matei o meu leitinho* (2001-2009) são exemplos dessas simples, mas muito eficazes, unidades discursivas.

O exercício do desenho tem vindo então, e não obstante a exploração simultânea de outras possibilidades disciplinares, a constituir-se como um avenida central que estrutura toda a prática de Francisco Queirós. Deste ponto de vista, pode então afirmar-se que o texto, presente nos seus trabalhos em papel, seja como marcação narrativa ou, simplesmente, como enunciação de um título, (que no caso de Francisco Queirós é sempre mais do que um simples título), constitui a espinha dorsal do trabalho da última década. No entanto, um olhar atento facilmente constata que, com o passar do tempo, os desenhos têm vindo a tornar-se menos figurativos, os elementos orgânicos têm vindo gradualmente a ser substituídos por composições de carácter mais geométrico. As formas tornam-se mais simples, abstratas, e as narrativas tendem a acompanhar esse movimento, apresentando-se menos ramificadas e talvez mais esquemáticas. Séries mais recentes, como *Set 5* (2011-2013), *Os insectos venenosos jamais manifestam*

a sua energia espiritual (2013), ou a série que agora se apresenta, esta já sem qualquer elemento textual, são disso exemplo e sinalizam provavelmente uma nova inflexão disciplinar, em que o desenho perderá o seu papel de elemento estruturante na prática do artista.

Sugerir que o desenho poderá deixar de ser o elemento central no trabalho de Francisco Queirós significa, como vimos já anteriormente, a sua provável substituição por uma outra disciplina como elemento fundamental. O vídeo terá dado lugar à instalação. A instalação, por sua vez, terá dado lugar ao desenho, e paralelamente aos objetos, e agora, nesta exposição, o desenho parece dar lugar à pintura. Genealogia problemática, é certo, e por isso mesmo, mais interessante, seja ela produtiva ou contra-producente, mas que parece indicar que nos encontramos perante um constante movimento para a frente, a saída de uma zona de conforto onde as possibilidades expressivas e as armadilhas conceituais são familiares. A incerteza, a insegurança e o medo do desconhecido surgem assim ferramentas fundadoras do processo de trabalho de Francisco Queirós.

Chegamos assim, com Queirós, à pintura, essa disciplina maior da história da arte, cujo óbito e ressurreição foram declarados inúmeras vezes no decurso das últimas décadas. A pintura é agora interiorizada pelo artista, que a explora com a excitação, o encanto e o receio característicos de um novo amor. Ainda que próximas das últimas experiências desenvolvidas com o desenho, estas novas pinturas infletem a pulsão narrativa que marcou grande parte do seu trabalho durante a última década. O texto, essa espinha dorsal, desapareceu por completo, bem como qualquer referência figurativa explícita. Os olhos treinados pela familiaridade ainda procuram algo vagamente familiar, vislumbram talvez a barbatana dorsal de um tubarão mutante que se desloca rapidamente, prestes a cumprir a sua vocação sanguínea, mas rapidamente nos apercebemos que são apenas as nossas expectativas a atuar e a dizerem-nos o que esperar de um trabalho de Francisco Queirós. Na verdade, estas pinturas são austeras, abstratas, a-narrativas, funcionando por subtração. Como se o exercício da pintura permitisse agora a Queirós remover tudo o que se apresenta como acessório, restando apenas o absolutamente essencial.

O que pode existir numa letra? O que se esconde no interior de um C? Um som, sem dúvida, mas muito mais pode esconder-se por trás de um som e, mais uma vez, não estamos a falar de ou por metáforas. O trabalho de Francisco Queirós nunca fala de ou por metáforas. Entre um imperativo existencial (sê) e um modo de aceder ao mundo que nos rodeia baseado na visão (see), este C apresenta-se como o ponto de partida privilegiado para olharmos de forma diferente e talvez inesperada para o trabalho de Francisco Queirós.

Luís Silva, Março de 2014

Francisco Queirós (PT n. 1972) nasceu em Lisboa. Vive e trabalha em Sintra.

Desde o final da década de 1990, tem exposto individual e colectivamente, apresentando vídeo, esculturas, instalação e desenhos. *C quebrado / broken C* é a sua primeira mostra individual na Galeria Caroline Pagès.

Francisco Queirós participou em exposições colectivas como *O rio voador*, sede do CAPC, Coimbra (2012); *O dia pela noite*, Lux Frágil, Lisboa (2010); *100 anos, 10 lápis, 100 desenhos*, Museu da Presidência da República, Lisboa (2009); *Gabinete Transnatural de Domenico Vandelli*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil (2008); *Mapas Cosmogomias e Pontos de Referencia*, CGAC - Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela, Espanha (2007); *Transnatural*, Museu Botânico da Universidade de Coimbra, Portugal (2006); *Un Panorama del Nou Vídeo Português*, Fundació "la Caixa", Barcelona, Espanha (2005); *Encontro entre duas colecções*, La Caixa, Barcelona e CAAM, Las Palmas, Espanha (2004); *Meio Século de Arte Portuguesa 1944-2004*, Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa (2004); *Re-produtores de sentido*, SESC, Rio de Janeiro, Brasil (2004); *Colecção CGD. Arte Contemporânea - Novas aquisições*, Culturgest, Porto (2002); *Disseminações*, Culturgest, Caixa Geral de Depósitos, Lisboa (2001); *Squatters / Ocupações*, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto (2001).

De entre as suas exposições individuais destacam-se: *Um dia todos os adultos morrerão*, OldSchool, Lisboa (2012); *My body is a rock'n'roll temple*, EmptyCube - Appleton Square, Lisboa (2011); *Meathaus*, Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa (2009); *Yeah*, Centre d'Art Santa Monica, Barcelona (2003); *Yupi*, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto (2003); e *Slowmotion*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2002).

A sua obra está representada nas colecções da Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; do Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela, Espanha; do Banco Privado para Serralves, Porto; da Fundação Ilídio Pinho, Porto; da Fundação PLMJ, Lisboa; PCR, Lisboa, Museu de Serralves, Porto; e MNAC – Museu do Chiado, Lisboa.

Para mais informação e imagens é favor contactar a Galeria Caroline Pagès pelo 21 387 33 76 ou 91 679 56 97 ou gallery@carolinepages.com.